

## Inquietos e executivos

A política econômica deste governo é muito parecida com a do governo anterior, especialmente em algumas áreas como no Banco Central e na política fiscal. Nunca é demais repetir, pois a memória para os temas da economia é muito seletiva, e o passado frequentemente se transforma, quando visto sob novas luzes.

O governo efetivamente se orgulha das políticas macroeconômicas que vem praticando, e com toda razão, pois foram inequívocos os seus sucessos. O fato destas mesmas políticas terem sido desancadas impiedosamente no passado, quando o atual governo era a oposição, tem sido minimizado, mas não ignorado. É paradoxal, mas muito positivo que, na hora de governar, o PT tenha recorrido ao saber convencional em economia e tenha isolado os seus “heterodoxos” em alguns “redutos” onde, aparentemente, as coisas não vão tão bem. São as estatais e programas que estão meio paradas, ou as lideranças que dão margem às preocupações, hoje generalizadas, com o com “risco regulatório”.

A “transformação” experimentada pelo PT é fascinante para os atingidos pelas suas críticas no passado, pois, em princípio, as desqualifica. Sem dúvida, temos aqui uma bela discussão no campo de retórica, que parece relevante para a vida real apenas quando os “inquietos” se põem a demonstrar a quadratura do círculo, ou seja, que este governo se constrói a partir do suposto “fracasso” das políticas neoliberais do governo passado (!?). Passada a reforma ministerial, e a provável devolução de muitos “inquietos” à universidade, caberá aos marqueteiros do governo lidar com o problema retórico com relativa facilidade.

Mais sério é o problema básico, difícilíssimo e ainda sem solução, de acordar o crescimento. A “carência” oferecida pelo primeiro ano está terminando e a situação econômica não está “resolvida”, longe disso. Foi ótimo superar a crise provocada pelo pavor de que Lula e o PT fossem os mesmos de 1989, mas ao final, estamos com níveis de risco Brasil semelhantes aos da Crise da Ásia, juros reais de dois dígitos, mesmo depois dos 17,5%, e taxas de investimento vergonhosamente baixas. O país continua a ter sérios problemas para reconstrução do crescimento e o governo, que é ótimo em atividades próprias de ONGs, ainda precisa demonstrar que possui uma estratégia para as reformas conducentes ao crescimento.

De certa maneira, as perguntas são as mesmas do governo passado, no interior do qual havia uma “escola de pensamento” (talvez, melhor dizendo, alguns pensamentos à procura de uma escola, ou em fase pré-escolar), cuja tese era a de que não havia nada de muito errado com o Brasil, que o problema fiscal era contábil e menos sério do que se dizia, e

que a hiperinflação tinha sido uma fatalidade, uma vez que a inflação era “apenas inercial” fácil de lidar, e que com duas ou três reformas aparando excessos de 1988, tudo se encaixava, bastando reduzir os juros e acertar o câmbio que o Milagre Econômico estava de volta.

Este fenômeno, que podemos denominar de a “falácia desenvolvimentista”, não era privativo do PSDB, pois estamos assistindo o mesmo filme com os “inquietos” do PT. Novamente, prevalece uma ilusão de que existe um “depois das reformas” onde, livre das “imposições do mercado” e com dinheiro no bolso, o governo se entregará a “mega-projetos estruturantes” e programas sociais redentores. Pura ilusão, governar é fazer reformas, e não mais construir estradas, inclusive, porque acabou o dinheiro.

O crescimento sustentado não virá por gravidade, mesmo com a valiosa contribuição da política monetária, pois tudo depende do setor privado. Com a macroeconomia no lugar, o governo tem diante de si uma infinidade de agendas setoriais de grande complexidade, onde terá de fazer curvas tão fechadas e perigosas como as que o levaram à racionalidade no terreno da macroeconomia. Por isso precisa de mais executivos e menos “inquietos”.